

SOBRE PARTITURAS, PRÁTICAS MUSICAIS E PESSOAS: O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO A PARTIR DA MUSICOLOGIA

Fernando Lacerda Simões Duarte

Instituto de Artes da UNESP

PPGMUS – Doutorado

SIMPOM: Subárea de Musicologia

Resumo: O estudo do desenvolvimento humano demanda uma abordagem interdisciplinar que envolve hoje, dentre outras ciências, economia, psicologia, educação, medicina, antropologia, ciências políticas e sociais, além de outros troncos de saberes, como a religião e a filosofia. Neste trabalho, foi questionado se a Musicologia pode contribuir de modo eficiente para o estudo do desenvolvimento humano relacionado à música ou às práticas musicais. Para tanto, empreendeu-se pesquisa de desenvolvimento teórico versando sobre a Musicologia enquanto método científico e seus possíveis objetos, utilizando-se procedimento bibliográfico. A análise aqui apresentada se fundou no pensamento sistêmico, sobretudo na teoria dos sistemas sociais autopoieticos de Niklas Luhmann e em autores que discutem diretamente as vertentes da Musicologia. Levou-se em consideração ainda as visões dos chamados *pessimismo cultural* e *pessimismo histórico* apresentadas por Arthur Herman. O texto foi estruturado partindo da história das idéias e das noções de pessimismo apresentadas por Herman, passando por possíveis definições de desenvolvimento humano e chegando à Musicologia. Neste ponto apresentou-se um breve histórico da Musicologia, as diversas divisões que a *ciência da música* sofreu e as principais possibilidades ou atuações do trabalho musicológico no presente, bem como a relevância destas formas de atuação no Brasil de hoje. Finalmente, foi apresentada uma proposta de musicologia centrada na pessoa e voltada para o desenvolvimento humano, na qual o estudo musicológico não se afasta da música, mas transcende o enfoque dado ao objeto – partituras ou documentos – para chegar aos sujeitos que com a prática musical se relacionam. A partir daí foram apresentados métodos e procedimentos possíveis para esta “musicologia centrada na pessoa”, não de forma exaustiva, mas como exemplificação da abordagem que começamos a utilizar.

Palavras-chave: Música e desenvolvimento humano; Musicologia – metodologia; Teoria dos sistemas autopoieticos; Música – relações interdisciplinares; Práticas musicais coletivas.

On Music Scores, Musical Practices and People: The human development study from Musicology

Abstract: The study of human development requires an interdisciplinary approach that involves today, among other sciences, economics, psychology, education, medicine, anthropology, political and social sciences, and other ways for knowledge such as religion and philosophy. In this study, we questioned whether musicology can contribute efficiently to the study of human development related to music and musical practices. To this end, research was undertaken on the theoretical development – using bibliographic procedure – dealing Musicology as scientific method and its possible objects. The analysis presented here was based on systems approach, especially in the social autopoietic systems theory by Niklas Luhmann, and on authors directly on the slopes of Musicology. We also took into account the views of so-called *cultural pessimism* and *historical pessimism* presented by Arthur Herman. The text has been structured based on the history of ideas and notions of pessimism presented by Herman, going through possible definitions of human development and coming to Musicology. At this point we presented a brief history of musicology, the various divisions which suffered the *science of music* and the main possibilities or uses of the musicological in

present days, as well as the relevance of these ways of working in Brazil today. Finally, we presented a proposal of musicology facing human development in which the musicological study does not deviate from the track, but transcends the focus given to the object – documents or music scores – to reach the subjects with musical practice are related. Since then methods and procedures have been presented to this possible "Musicology person-centered", not exhaustively, but as exemplification of the approach that we started to use.

Keywords: Music and human development; Musicology – method; Autopoietic systems theory; Music – interdisciplinary relations; Collective musical practices.

Introdução

Durante parte considerável da história acreditou-se que a música possuía atributos nela mesma que eram capazes de agir sobre as pessoas. Seja na visão dos gregos sobre o *ethos*, seja na *teoria dos afetos*, acreditava-se que estes aspectos inerentes à própria música poderiam interferir no caráter humano. Se esta crença não se revela como uma verdade – ou não é passível de constatação –, fato é que na prática musical, as ligações que as pessoas estabelecem entre si e com determinadas obras podem interferir em suas vidas. Tais relações parecem ter se tornado temas principalmente para trabalhos nas áreas de Educação Musical (ARIANI FILHO, 2009; CRUVINEL, 2005) e Musicoterapia (VANNI, 2006).

Em contrapartida, o estudo das obras musicais consideradas individualmente ou em conjunto – busca pela definição de estilos – tem sido objeto central da abordagem musicológica (KERMAN, 1987). Neste trabalho, questionou-se a possibilidade de a Musicologia também se ocupar do desenvolvimento humano relacionado à música ou mais especificamente, às práticas musicais.

O estudo do desenvolvimento humano é interdisciplinar, uma vez que hoje se aceita que tal desenvolvimento não pode ser medido apenas com base em critérios econômicos. Assim, ocupam-se do desenvolvimento, dentre outras, as seguintes áreas do conhecimento: Economia, Direito – por meio do estudo dos direitos e garantias fundamentais, direitos da criança, adolescentes, idosos e de grupos minoritários –, Psicologia – com as subáreas Psicologia da educação e Psicologia do desenvolvimento –, Antropologia, Educação, Ciências Políticas e Sociais. O tema também perpassa troncos de conhecimento que não são necessariamente científicos: tema essencial das religiões e reiteradamente perpassou a filosofia. Segundo Domenico De Masi (MEMÓRIA RODA VIVA, 1998), Aristóteles já constatava um descompasso entre o progresso científico-tecnológico e o progresso do espírito humano em sua *Metafísica*, o que demonstra que este tema é bem mais antigo do que se poderia imaginar.

Ao longo da história a crença de que o homem poderia progredir ou se desenvolver para além do sentido biológico – com ou sem um sentido pré-determinado – foi objeto de discussões. O Concílio de Basileia-Ferrara-Florença (1438-1445) foi um marco para a crença em tal possibilidade de progresso. Apesar de sua temática estritamente religiosa, é possível perceber certo otimismo também na produção científica e artística do período. O concílio se tornou mais conhecido em razão da proclamação dogmática da existência do purgatório. Na crença católica, o purgatório representa uma possibilidade de “progresso espiritual” após a morte.

O desenvolvimento em vida – de particular interesse neste estudo – ficaria a cargo da questão do *Filioque* – “e filho” – também discutida no concílio. A expressão *Filioque* está presente no *Credo* das missas e significa que o Espírito Santo procedia igualmente do Pai e do Filho. Para além da questão religiosa, esta profissão de fé implicava afirmar também que o homem era perfectível, ou seja, poderia se aperfeiçoar, apesar de pecador. Não se tratava de o homem tornar-se perfeito como Deus, mas se passava a acreditar na possibilidade de um progresso do espírito humano.

Tanto a crença no progresso científico-tecnológico de Aristóteles, quanto o otimismo revelado na possibilidade aberta na *Cláusula Filioque* são recorrentes na história – outros exemplos da crença na perfectibilidade humana foram reunidos por Passmore (2004). Aos momentos históricos de notório otimismo se opuseram, entretanto, períodos em que o pessimismo foi predominante.

Segundo Arthur Herman (1999), o pessimismo predominou na história das ideias durante o século XX, seja na forma do *pessimismo histórico*, na qual existe um temor em relação à extinção da cultura do ocidente, seja na forma de *pessimismo cultural*, em que o pessimista comemora tal extinção, pois crê no surgimento de algo melhor. Para Herman, uma das causas do pessimismo que perpassou a ciência e se popularizou até mesmo na arte e cultura de massa – inclusive na música *pop* – está no tratamento sistêmico dado à realidade, ou seja, no fato de esta ter sido considerada um organismo no qual todas as causas dos problemas estão conectadas. Para o autor, a solução não estaria no extremo oposto, na “crença cega no progresso”, mas na crença na autonomia do indivíduo, que é capaz de mudar a sociedade, como já acreditavam os teóricos iluministas, especialmente John Locke.

A proposta de Herman para a superação do pessimismo – para ele, injustificado – merece destaque em dois pontos: a crença na capacidade criativa do homem que o faz superar as adversidades ou o determinismo e sua crítica à análise das transformações da sociedade a partir de visões sistêmicas derivadas da biologia. Tal crítica pode se relacionar a abordagens

“holísticas” que tratam os fatos em sua superficialidade como causas profundas. Tal crítica desconsidera ainda algo fundamental: a capacidade de aceitação ou rejeição dos estímulos do meio por parte dos sistemas sociais, como defendeu Niklas Luhmann (1995) em sua teoria dos sistemas autopoieticos. De acordo com esta teoria, um sistema social se comunica com seu entorno e pode reagir aos estímulos do meio aceitando-os – *abertura cognitiva* – ou não – *fechamento normativo*. No caso do fechamento ao meio, o sistema preserva sua identidade. Utilizamos esta teoria em nossa pesquisa de mestrado na área de Musicologia (DUARTE, 2011) para analisar os interesses da Igreja Católica enquanto instituição, mas cremos que poderá servir também ao estudo dos interesses pessoais e sociais.

Assim, chega-se ao problema central aqui formulado: como já acontece com outras ciências, pode a Musicologia contribuir de modo eficiente com o estudo do desenvolvimento humano? Para responder a tal questionamento que tem sido uma preocupação em nossos trabalhos musicológicos mais recentes, elaborou-se o presente estudo de desenvolvimento teórico a partir do procedimento bibliográfico. Note-se que este estudo aponta possibilidades e não métodos ou procedimentos específicos para a abordagem do tema. As fontes empregadas em seu desenvolvimento perpassam a Musicologia (KERMAN, 1987; CASTAGNA, 2008; LOCKE, 2001; IKEDA, 1998), a já enunciada teoria dos sistemas de Niklas Luhmann (1995; KUNZLER, 2004) e autores que abordam direta ou indiretamente o desenvolvimento (BELSKY, 2010; ROGERS, ROSENBERG, 1977; PAPALIA, OLDS, FELDMAN, 2010; BRONFENBRENNER, 2011; CASTAGNA, 2011; LOPES, 2005) e a perfectibilidade (PASSMORE, 2004) humanos. Esta escolha reflete de certo modo o caminho adotado para a estruturação deste trabalho: a primeira parte foi dedicada a definições de desenvolvimento humano; a segunda, ao estudo da Musicologia enquanto método e suas diversas vertentes e a terceira, dedicada à possibilidade de estudo do desenvolvimento humano por meio da Musicologia, na qual os desdobramentos de nossa pesquisa de mestrado foram detalhados.

1. Desenvolvimento humano

A expressão *desenvolvimento humano* pode ter os mais diversos significados. Quando se pensa no desenvolvimento proposto pelas religiões, não raro fundado no desapego da matéria, este parece incompatível com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), pautado por indicadores econômicos. Ambos parecem igualmente distantes da abordagem das ciências biológicas ou ainda da Psicologia. Assim, se faz necessário um conceito do que seja desenvolvimento humano ao menos aquele no contexto de nossos estudos.

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2010, p. 29–31), as teorias acerca do desenvolvimento humano se dividiam inicialmente entre aqueles que sustentavam que o desenvolvimento é ativo e aqueles que o defendem como passivo. Para John Locke – teórico em quem Herman fundamentara seu questionamento ao pessimismo na história das ideias –, “uma a criança pequena é uma tabula rasa – uma ‘lousa em branco’ – onde a sociedade se inscreve”, ao passo que para Rousseau, as crianças nasciam como bons selvagens, ou seja, teriam “tendências naturais positivas”. Hoje, contudo, tem sido cada vez maior o consenso entre os pesquisadores desta área que o desenvolvimento é “*bidirecional*: as pessoas mudam seu mundo ao mesmo tempo em que este as transforma”. Esta visão em muito lembra a troca entre os sistemas sociais autopoiéticos e o entorno (LUHMANN, 1995). Neste sentido, seguiu Castagna (2011), que ao buscar uma definição de desenvolvimento humano ampliou o conceito de *autopoiese* para além das questões meramente biológicas e a dividiu em duas possibilidades: *homeostase*, na qual o estímulo ou desequilíbrio provocado pelo meio é satisfeito de forma a restabelecer o equilíbrio anterior e *desenvolvimento*, no qual a resposta dada pela pessoa ao desequilíbrio gera uma situação nova, de mudança em relação à anterior.

A visão sistêmica também se faz notar claramente na teoria do desenvolvimento humano elaborada por Urie Bronfenbrenner (2011), teórico que adotou uma perspectiva contextual, de acordo com a qual o desenvolvimento de uma pessoa se dá em interação com cinco sistemas contextuais que a circundam e que vão desde o lar, a escola e vizinhança até as crenças dominantes e ideologias, considerando ainda como maior sistema contextual o tempo, que representa o grau de estabilidade ou mudança do mundo. Além da perspectiva cultural representada por Bronfenbrenner, outras quatro perspectivas dentro da abordagem científica se ocupam do desenvolvimento: Psicanalítica, da Aprendizagem, Cognitiva e Evolucionista / Sociobiológica, cada qual com divergências quanto ao modo como se dá o desenvolvimento: ativo ou passivo, progressivo ou por estágios e quais fatores o determinam (ênfase causal).

Apesar de as discussões terem se iniciado em torno do desenvolvimento de crianças, hoje os livros sobre o tema o consideram em todo o ciclo da vida humana. Isto se percebe nas obras de Janet Belsky (2010) e de Papalia, Olds e Feldman (2010). Assim, o estudo do desenvolvimento não precisa se limitar necessariamente aos campos da Psicologia da Educação e, em música, da Educação Musical nos anos escolares iniciais.

Antes de tratar das possibilidades de estudo pela Musicologia, faz-se necessária uma definição do que entendemos como desenvolvimento humano para que este possa ser passível de constatação em uma pesquisa científica. Neste caso, recorreremos a Carlos Lopes (2005, p. 22–23), representante do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que

definiu desenvolvimento humano como “uma constante expansão de oportunidades dos indivíduos e sociedades”. Na leitura de Lopes (2005, p. 32–33), é possível perceber que, para que esta forma de desenvolvimento se efetive, não é possível haver visões hegemônicas de mundo: “[...] para além da força material ou militar, existem hegemonias baseadas em corpos de idéias e de conhecimentos, fundamentados em redes normativas – que não se reduzem necessariamente apenas à influencia de Estados.”

Assim, o estudo da música a partir da visão de um único povo ou continente – *eurocentrismo* – se mostra passível de questionamentos. Ao contrário, uma visão cooperativa se mostra mais eficiente. Este fato pode se refletir diretamente nas diversas linhas de pesquisa dentro da Musicologia, organizadas em virtude dos objetos e períodos.

2. Musicologia: objeto e vertentes

A Musicologia surgiu como ciência da música, ocupando-se dela em sua totalidade. Kerman (1987) constatou, entretanto, uma divisão entre a Musicologia, a Teoria musical e a Etnomusicologia, em razão do repertório e período abordados em cada subárea: à primeira foi confiado o estudo do repertório europeu ou composto de acordo com poéticas européias do século XIX e anteriores; à segunda, a música do século XX – e agora, XXI – e à terceira, as músicas que não poderiam seguir critérios de classificação europeus. Deste modo, percebe-se uma visão acerca da música essencialmente ocidental e centrada, sobretudo, na Europa. Também em razão desta divisão, a Musicologia passava a se preocupar com a determinação de estilos musicais, ao passo que a Etnomusicologia (antes, Musicologia comparada) se ocupava das relações que as manifestações sonoras de cada povo guardavam com a cultura em geral. Surgiu daí a crítica de Kerman ao *positivismo* na Musicologia, que enfocava apenas as obras separadas do contexto social em que estavam inseridas. Em outras palavras, Kerman criticava o afastamento que os musicólogos criaram entre a música – tratando-a como objeto – e os sujeitos que a produziam ou dela fruía.

Seguindo uma linha de raciocínio semelhante, o etnomusicólogo Alberto Ikeda (1998) apresentou uma crítica à edição musical enquanto vertente do trabalho musicológico, classificando-a de um estágio pré-científico ou técnico. Ikeda parece ter desconsiderado, entretanto, que este trabalho articula conhecimentos de diversas ciências de diversas subáreas do estudo da música, resultando em trabalhos científicos (FIGUEIREDO, 2001).

Existem, contudo, outras vertentes da Musicologia, que não estão diretamente ligadas ao trabalho de edição, mas ao estudo da música em seu contexto ou em sua funcionalidade, como propusemos no mestrado (DUARTE, 2011), na esteira de outras tantas pesquisas. Deste

modo, configurou-se um estudo musicológico mais centrado na prática musical do que em uma obra ou em partituras e outras fontes documentais. Castagna (2008) demonstrou a necessidade das duas vertentes, sobretudo no Brasil, onde o trabalho voltado para a edição musical não foi exaustivo em relação às fontes primárias. À primeira vista, nestas duas linhas pode parecer existir de certa neutralidade em relação às questões alheias à música, se as compararmos, por exemplo, com a crítica musical, que parece estar mais preocupada com as mudanças do mundo que afetam as artes (ECO, 1993).

A ilusão de neutralidade no trabalho musicológico se desfaz tão logo se pense na escolha das obras a serem editadas, nas teorias adotadas para a explicação da história da música e principalmente no discurso adotado pelos musicólogos: eurocentrista ou não, crítico ou não das instituições hegemônicas, centrado nos interesses de instituições ou das pessoas.

3. Musicologia centrada na pessoa

A exemplo do que propôs Carl Rogers em seus trabalhos voltados inicialmente para a área de psicoterapia e que posteriormente serviram de base à psicologia da educação, um estudo que envolve observar, constatar e analisar resultados em pessoas deve se centrar nessas mesmas pessoas (ROGERS, ROSENBERG, 1977). Assim, estudar a “expansão de oportunidades de indivíduos e comunidades” que produzem música, pressupõe trazê-los ao primeiro plano do trabalho musicológico. A subjetividade que pode derivar deste ato não parece ser uma ameaça aos estudos musicológicos, uma vez que as escolhas justificadas envolvidas na edição de uma obra ou os fatos e teorias de base adotados em um modo de contar a história da música também pressupõem um componente subjetivo do musicólogo.

Na abordagem histórica torna-se mais fácil compreender os resultados da prática musical em sua finalidade humana, uma vez que o distanciamento histórico contribui para isto. Pode-se analisar, por exemplo, na história da música brasileira, a inserção social dos afro-descendentes em razão de sua atividade musical. Esta abordagem leva em consideração o desenvolvimento humano pelos critérios econômicos (IDH).

O desenvolvimento enquanto ampliação de oportunidades foi assunto em um de nossos trabalhos mais recentes sobre as práticas musicais de caráter litúrgico na Igreja Católica da atualidade. Para compreender melhor as críticas que os músicos “eruditos” fazem à música litúrgica, buscou-se as razões históricas que conduziram ao presente. Feito isto, pudemos propor alguma mudança – superação do pensamento dualista – neste repertório, inclusive recorrendo às ferramentas da Educação Musical (DUARTE, 2012c). Do ponto de vista procedimental, nas pesquisas recentes recorreremos tão somente ao estudo bibliográfico e

documental, comuns ao trabalho musicológico. Em trabalhos que se ocupam de práticas musicais situadas no presente, procedimentos relativos à etnografia musical ou às demais ciências humanas seriam aplicáveis, permitindo uma abordagem claramente interdisciplinar.

Ainda em relação à prática da música ritual católica, pudemos questionar os fins a que se destinam tal prática. Percebemos como esta serve a interesses institucionais mais do que propriamente humanos, seja através de uma lenda que criou um compositor-modelo, no caso de Palestrina (DUARTE, 2012b), seja com a imposição de modelos por meio dos quais a instituição espera que seus fiéis se relacionem com a música (DUARTE, 2012a). A pesquisa realizada por Anzé e Carlini (2009) sobre a morigeração cultural também merece destaque neste sentido, pois questionou os hábitos do público nos teatros da atualidade a partir de uma abordagem histórica.

Considerações finais

Assim, como resposta à questão principal formulada neste trabalho, é possível afirmar que existe a possibilidade de a Musicologia ser uma ferramenta eficiente no estudo do desenvolvimento humano sem deixar de ser Musicologia – *ciência da música* do passado ou do presente –, basta que o enfoque seja dado aos sujeitos e não aos objetos. Tal mudança implica uma visão crítica sobre a realidade e sobre a própria historiografia da música que decorre da tomada de consciência de que não existe neutralidade no estudo musicológico.

O estudo do desenvolvimento humano relacionado à música já acontece em outras subáreas da produção de conhecimento em música e a estas poderia até se somar como uma nova subárea, mas não é o que aqui se propõe. Pelo contrário, ao invés da separação das áreas, sua integração, mesmo com disciplinas alheias à música, pode lograr maior êxito para a abordagem deste tema tão complexo.

Finalmente, é importante afirmar que não foi objetivo deste trabalho diminuir a importância das vertentes musicológicas que até então se estabeleceram – inclusive porque continuamos filiados a uma delas –, mas apresentar esta *ampliação de oportunidades* da abordagem musicológica, proposta ligada diretamente ao conceito de desenvolvimento humano que adotamos em nossas pesquisas.

Referências

ANZE, Melissa; CARLINI, Álvaro. Morigeração Cultural em Curitiba (PR), Século XX: O papel das sociedades artísticas na formação do gosto em música erudita. In:

- CONGRESSO DA ANPPOM, 19, 2009, Curitiba. *Anais*. Curitiba: ANPPOM, 2009. p. 261–264.
- ARIANI FILHO, Fernando Caiuby. Música em com-junto: ritual afetivo. In: *Cadernos do Colóquio*, Programa de Pós- Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, UNIRIO, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 106–123, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/coloquio/article/viewFile/430/1031>>. Acesso em 10 ago. 2011.
- BELSKY, Janet. *Desenvolvimento humano: experienciando o ciclo de vida*; trad. Daniel Bueno; rev. Antonio C. A. Pereira. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BRONFENBRENNER, Urie. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*; tradução André de Carvalho Barreto; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Sílvia H. Koller. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CASTAGNA, Paulo Augusto. *Avanços e perspectivas na Musicologia Histórica Brasileira*. In: Revista do Conservatório de música da UFPel. n.1. Pelotas: UFPel, 2008, p. 32–57.
- _____. *Uma possível definição de Desenvolvimento Humano*. [não publicado]. São Paulo, 10 ago. 2011. 25p. Disponível em: <<http://archive.org/details/UmaPossivelDefinicaoDeDesenvolvimentoHumano&reCache=1>>. Acesso em 25 ago. 2011.
- CRUVINEL, Flavia Maria. *Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.
- DUARTE, Fernando Lacerda Simões. *Música e Ultramontanismo: Possíveis significados para as opções composicionais nas missas de Furio Franceschini*. 2011. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2011.
- _____. Música litúrgica, pessoas e instituições: Possíveis desdobramentos do conceito de Modelo pré-composicional. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 22., 2012, João Pessoa. *Anais*. João Pessoa: ANPPOM, 2012a. p.1349-1356.
- _____. Palestrina e O Herói de Mil Faces: O arquétipo do mito revelado na lenda da Missa “Papae Marcelli”. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 22., 2012, João Pessoa. *Anais*. João Pessoa: ANPPOM, 2012b. p. 1752–1759.
- _____. Superando Dualidades: Possibilidades de diversificação do repertório litúrgico católico na atualidade com o auxílio da Educação Musical. In: SEMANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL IA-UNESP / ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM, 4./8., 2012, São Paulo. *Anais*. São Paulo: ABEM, 2012c. p. 351–359.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

- FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Editar José Maurício Nunes Garcia. IV ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, Juiz de Fora, 21–23 jul. 2000. *Anais...* Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2001. p. 21–71.
- HERMAN, Arthur. *A idéia de decadência na história ocidental*. trad. Cynthia Azevedo, Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- IKEDA, Alberto T. Musicologia ou musicografia? Algumas reflexões sobre a pesquisa em Música. In: Simpósio Latino-Americano de Musicologia, 1., 1998. Curitiba. *Anais...* Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1998. p. 63–68.
- KERMAN, Joseph. *Musicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- KUNZLER, Caroline de Moraes. A Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann. In: *Estudos de Sociologia*. n. 16. São Paulo: FCLAR/UNESP, 2004. p. 123–136. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/frame_anita.htm?id=soc>. Acesso em 3 out. 2009.
- LOPES, Carlos. *Cooperação e Desenvolvimento Humano: a agenda emergente para o novo milênio*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- LUHMANN, Niklas. *Social Systems*. Stanford: Stanford University Press, 1995.
- MEMÓRIA RODA VIVA. *Entrevistas: Domenico de Masi*. 1998. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/5/entrevistados/domenico_de_masi_1998.htm>. Acesso em 10 jun. 2012.
- PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*; trad. Carla F. M. P. Vercesi, Dulce Catunda, José Carlos B. dos Santos, Mauro C. Silva. 10. ed., Porto Alegre: AMGH, 2010.
- PASSMORE, John Arthur. *A Perfectibilidade do homem*; trad. Jesualdo Correia. Rio de Janeiro: Liberty Classics, 2004.
- ROGERS, Carl R.; ROSENBERG, R. *A Pessoa como centro*. São Paulo, EPU, 1977.
- VANNI, Rachele Filizzola. *Música: um caminho para a saúde*. Campinas: Átomo, 2006.